



ESPAÇO E CULTURA EM TRÊS FESTAS JUNINAS: CRÔNICAS DO SAGRADO E DO PROFANO

Anthony de Padua Azevedo Almeida¹ - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4193-0621>

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil ^{1*}

Artigo recebido em 16/01/2024 e aceito em 19/08/2024

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as diferenças culturais e os significados atribuídos a espaços sagrados e profanos em três municípios do oeste do estado de São Paulo (Brasil), cotejando as perspectivas de indivíduos de um mesmo grupo social com as de pessoas de outros contextos. As noções de espaço sagrado e profano, escolhidas como dimensão empírica, permitem a análise dos dois entendimentos. Foram realizados três trabalhos de campo no mês de junho de 2022, quando Presidente Venceslau, Piqueroibi e Presidente Epitácio sediaram festas religiosas, com a concomitante produção de material literário autoral. Como opção metodológica e resultado das visitas de campo, três crônicas foram escritas, uma para cada festa. Além disso, adotou-se como estratégia argumentativa a justaposição de comentários intercalados entre as seções do texto, sustentando uma análise no domínio da Geografia e da Literatura. Essas duas opções, assim como a própria construção metodológica deste estudo, constituem o objeto de investigação do presente artigo. Os resultados apontam que a abordagem híbrida entre escrita científica e prosa artística possibilitam a construção de novas metodologias aplicadas à geografia cultural, ao evidenciar o potencial heurístico das crônicas para análises da relação entre espaço e cultura.

Palavras-chave: Geografia literária; espaço sagrado; espaço profano; significados culturais; crônica.

SPACE AND CULTURE IN THREE BRAZILIAN JUNE FESTIVALS: CHRONICLES OF THE SACRED AND PROFANE

ABSTRACT

This work aims to analyze the cultural differences and meanings attributed to sacred and profane spaces in three municipalities in the west of the state of São Paulo (Brazil), comparing the perspectives of individuals from the same social group with those of people from other contexts. The notions of sacred and profane space, chosen as the empirical dimension, allow both understandings to be analyzed. Three field studies were carried out in June 2022, when Presidente Venceslau, Piqueroibi and Presidente Epitácio hosted religious festivals, with the concomitant production of authorial literary material. As a methodological option and as a result of the field visits, three chronicles

* Professor Substituto do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco, Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECGeo/UFPE). E-mail: anthonyaalmeida@gmail.com.

were written, one for each festival. In addition, the argumentative strategy adopted was the juxtaposition of comments interspersed between the sections of the text, supporting an analysis in the field of Geography and Literature. These two options, as well as the methodological construction of this study, constitute the object of investigation of this article. The results show that the hybrid approach between scientific writing and artistic prose enables the construction of new methodologies applied to cultural geography, by highlighting the heuristic potential of chronicles for analyzing the relationship between space and culture.

Keywords: Literary geography; sacred space; profane space; cultural meanings; chronicle.

ESPACIO Y CULTURA EN TRES FIESTAS DE JUNIO: CRÓNICAS DE LO SAGRADO Y DE LO PROFANO

RESÚMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar las diferencias culturales y los significados atribuidos a los espacios sagrados y profanos en tres municipios del oeste del estado de São Paulo (Brasil), comparando las perspectivas de individuos de un mismo grupo social con las de personas de otros contextos. Las nociones de espacio sagrado y profano, elegidas como dimensión empírica, permiten el análisis de ambas comprensiones. Se realizaron tres trabajos de campo en junio de 2022, cuando Presidente Venceslau, Piquerobi y Presidente Epitácio albergaron fiestas religiosas, con la producción concomitante de material literario de autor. Como opción metodológica y como resultado de las visitas de campo, se escribieron tres crónicas, una para cada fiesta. Además, la yuxtaposición de comentarios intercalados entre secciones del texto fue adoptada como estrategia argumentativa, sustentando un análisis en los dominios de la Geografía y la Literatura. Estas dos opciones, así como la construcción metodológica de este estudio, constituyen el objeto de investigación de este artículo. Los resultados indican que el enfoque híbrido entre escritura científica y prosa artística permite la construcción de nuevas metodologías aplicadas a la geografía cultural, al resaltar el potencial heurístico de las crónicas para analizar la relación entre espacio y cultura.

Palabras clave: Geografía literaria; espacio sagrado; espacio profano; significados culturales; crónica.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a análise das diferenças culturais e dos significados atribuídos a um contexto espacial por duas perspectivas. Uma delas é por meio da observação de indivíduos de um mesmo grupo, a outra, por sujeitos de outros contextos. Para isto, foram selecionados e analisados alguns espaços sagrados e profanos de três municípios do oeste do estado de São Paulo.

As noções de espaço sagrado e profano, escolhidas como dimensão empírica, permitem a análise das duas perspectivas descritas no parágrafo anterior. Assim, no mês de junho de 2022, quando os municípios de Presidente Venceslau, Piquerobi e Presidente Epitácio sediaram festas religiosas, trabalhos de campo foram realizados nestes eventos, com a concomitante produção de material literário autoral.

Como opção metodológica e resultado das visitas de campo, três crônicas literárias foram escritas, uma para cada festa. Adotou-se como estratégia argumentativa a justaposição de comentários intercalados entre as seções do texto, sustentando a análise no domínio da Geografia e da Literatura. Essas duas opções e a própria construção metodológica deste estudo, constituem o objeto de investigação do presente artigo.

ESPAÇO, CULTURA E DIFERENÇAS CULTURAIS

O olhar voltado ao espaço de vivência de um grupo social permite que se observe, entre várias possibilidades de análise e compreensão, que há um conjunto de experiências comuns aos indivíduos — um grupo social que vive no mesmo país, por exemplo, tem a maioria dos seus indivíduos falando um mesmo idioma, caso este país tenha apenas uma língua oficial, naturalmente. Tais experiências são, então, baseadas no local das pessoas. São, portanto, experiências sociais e espaciais compartilhadas pelo grupo.

Ao seguir com tal exemplo, é importante considerar que, ainda que o idioma falado dentro de um país seja o mesmo, ele apresenta variações: os sotaques. Estes, por sua vez, são diferentes entre si e mostram pequenas variações na pronúncia de um mesmo idioma. Além disso, os sotaques podem ser agrupados de acordo com recortes regionais que oferecerão possíveis delimitações dos territórios de tais grupos sociais. Têm-se, neste exemplo, uma primeira aproximação do que se entende por diferença cultural.

Há inúmeras acepções do que seja a cultura e, numa observação atenta à argumentação desenvolvida no parágrafo anterior, é possível perceber que ela está imbricada de uma dessas acepções. Note-se: as experiências comuns aos indivíduos, a sociedade e o espaço compartilhados são parte dessa noção. Uma outra, não excludente e complementar, é a de que a cultura é um conjunto de "significados compartilhados pelo acesso comum à linguagem" (Hall, 2016, p. 17).

Significados e linguagens, logo, fazem parte das experiências sociais compartilhadas pelos grupos humanos. Além de sociais, tais aspectos podem ser compreendidos por meio da interação da sociedade com o espaço. Determinadas áreas e elementos espaciais presentes nelas podem ter significados simbólicos para um grupo social, como, por exemplo, as edificações religiosas e os seus ritos (Rosendahl, 2018).

Também a linguagem em tais espaços, dotados de significados, tem suas próprias características. Volte-se ao exemplo: dentro das edificações com significados religiosos há linguagens específicas que fazem parte do cerimonial e outras que podem ser interpretadas de maneira negativa, sobretudo pelos membros do grupo que praticam a cultura religiosa a ela atrelada. Ora, a pronúncia de palavras dentro de um templo seria condenada pelo grupo. Os mesmos palavras, se ditos na rua vizinha, por sua vez, seriam considerados irrelevantes ao grupo, ou, no máximo, inadequados. Ou seja, a reação seria bem distinta.

Este caso revela como um objeto geográfico tem diferentes significados para membros de um mesmo grupo social. Ou, melhor dizendo, de um mesmo grupo demográfico. Na composição da população de uma cidade há pessoas que frequentam espaços religiosos e outras que não frequentam. Há, ainda, indivíduos que frequentam outros espaços sagrados, alternativos ao mencionado primeiro.

Têm-se, então, a partir das situações levantadas, a noção de que há diferenças culturais entre indivíduos que convivem num mesmo grupo social e num mesmo recorte espacial. Experiências individuais, recortes espaciais, significados e linguagens podem ser, assim, ora compartilhados, ora distintos e, ainda, complementares ou conflituosos. Observa-se, então, a partir dessas premissas, as diferenciações culturais.

Tais conflitos são engendrados pelas diferenças entre significados, linguagens e experiências vivenciadas pelos indivíduos em um mesmo espaço. Se o recorte espacial for diferente entre os indivíduos, as tendências de produção de conflitos são ainda maiores.

Observe-se o relato de Eliane Potiguara:

Eu fiquei morando numa casa em que eu não podia sair. Eu só podia sair com minha tia e minha avó (...), chamavam a vovó de índia, zombavam dela e de minha família. Eu não sabia por que nós éramos tão discriminados, não sabia se isso era índio, se não era índio. Eu sabia que era a Eliane, que tinha oito anos, nove, dez anos, e que queria estudar. Mas as crianças não deixavam. Então eu quase não falava (Potiguara, 2019, p. 109).

Potiguara tem consciência de que as diferenças entre ela, sua tia, sua avó e as crianças da sua escola e, por extensão, as famílias destas crianças, interferiram em sua relação com o seu espaço de vivência. A presença da discriminação, desde o racismo à xenofobia, ambos enfrentados por Eliane, é um dos aspectos que pode se sobressair quando indivíduos de diferentes recortes espaciais e contextos sociais interagem.

Outro exemplo: “É que Narciso acha feio o que não é espelho”, canta Caetano Veloso, na canção “Sampa”. No contexto da letra, este verso é cantado após “Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto / Chamei de mau gosto o que vi / De mau gosto, mau gosto”², reação do eu-lírico após o artista migrar da Bahia para a cidade de São Paulo.

Em ambos os contextos, sociais e espaciais, o que se nota é o estranhamento entre indivíduos em relação aos espaços de vivência e seus diferentes convivas. A sensação de estranhamento é uma das reações comuns ao distinto, conforme se viu nas experiências de Veloso e Potiguara. Mas, tal estranhamento, historicamente, tem sido mobilizado de maneira a negar e, muitas vezes, aniquilar os outros. A filósofa e ativista antirracismo Sueli Carneiro, em entrevista, comenta que “nós produzimos uma forma de civilização que não foi capaz de coexistir, digamos, harmonicamente, com diferentes outras civilizações produzidas pela humanidade”³. E, acrescenta, “isso é o que nós temos sido; muito eficientes para discriminar, excluir, causar esse tipo de dano a seres humanos”.

² Letra disponível em: <https://open.spotify.com/track/2VBN5kSs1fyiE5fnOYeKsG?si=f0027aea60204fc8>. Acesso em 10 jul. 2022.

³ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gBYk4ePmS6s>. Acesso em 10 jul. 2022.

Diz, ainda, que “se nós somos capazes de fazer isso para obter esse efeito, a gente deve ser capaz, também, de consertar esse tipo de coisa. [Nelson] Mandela dizia: ‘Ninguém nasce odiando, nós aprendemos a odiar outros seres humanos’”. E finaliza, “se a gente aprende a odiar, a gente também pode ser capaz de inverter isso e sermos capazes de ensinar e acolher, aceitar e nos regozijar com a diversidade humana”.

Ter que ficar presa em casa, simplesmente por ser e ter traços físicos indígenas, no caso de Potiguara — quando ainda era criança, ressalte-se —, é um dos inúmeros resultados desse modo de civilização que exclui o diferente e que é incapaz de coexistir com ele. Enfrentar a zombaria e a discriminação é danoso e ofensivo, mas ainda não é o mais agressivo resultado desse tipo de pensamento e comportamento.

A expansão mercantilista e capitalista, entre os séculos XV e XIX, amplificou e se beneficiou do processo descrito. A criação da ideia de raça, atribuindo-se características de inferioridade ao colonizado e de superioridade ao colonizador, foi uma ficção produzida para justificar a exploração colonial e a aniquilação do outro: o não europeu, não branco e colonizado. Este último sujeito, então, passa da condição de ser humano à mercadoria, processo que se dá por meio da imposição da escravização de povos originários da América e do tráfico de sujeitos africanos (Mbembe, 2018).

Quando Eliane Potiguara obriga-se a ficar calada, evitando falar para não enfrentar *bullying* e discriminação das crianças não indígenas na escola, ela se depara com um produto histórico do poder colonial. A perspectiva eurocêntrica instalou no Brasil, mas não só nele, a ideia racista de que o não branco e não europeu é inferior. Tal pensamento, numa perspectiva eugênica, proporcionou, assim, ondas imigratórias significativas para a ocupação das macrorregiões Sudeste e Sul do país com indivíduos oriundos de países como Alemanha, Itália, Polônia e muitos outros (Cirqueira e Santos, 2023).

Contudo, não é apenas entre sujeitos de culturas distintas que as diferenças culturais aparecem. Sujeitos que fazem parte de um mesmo grupo social e que vivem no mesmo espaço geográfico podem atribuir significados diferentes para determinados recortes espaciais ou eventos sociais. Ora, considerada uma escala geográfica de dimensão nacional, tanto Eliane Potiguara quanto seus colegas de escola são brasileiros e nativos de um país que foi colonizado.

COMENTÁRIO 1

Este texto foi apresentado, inicialmente, ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, campus Recife, como requisito avaliativo da disciplina “Abordagens Contemporâneas em Geografia Cultural”, ministrada pelo Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel e pela Profa. Dra. Priscila Batista Vasconcelos, cursada no primeiro semestre de 2022. Após a realização das aulas expositivas, dos diálogos e dos seminários avançados, desenvolvidos com a presença

de professores e pesquisadores convidados, duas questões foram propostas. Detalho aspectos das questões e vivências da disciplina nas seções “Comentários”. Nelas, me permito escrever em primeira pessoa do singular, visto que, neste espaço, sou o aluno e pesquisador que dialoga com os professores e leitores.

A primeira questão problematizadora propunha a leitura da entrevista com Eliane Potiguara, citada anteriormente, e a análise das possíveis relações que se podem fazer entre a fala da Eliane Potiguara e as diversas mobilizações do conceito de cultura ao longo da História, situadas espacialmente e epistemologicamente. Como se nota, selecionei as proposições de cultura trabalhadas por Hall (2016) e as mobilizei e tensionei com exemplos e com os trabalhos de Mbembe (2018) e Cirqueira e Santos (2023). Além deles, há menções aos trabalhos de Caetano Veloso e Sueli Carneiro. Note-se, na reunião dessas referências, uma busca por vozes não eurocêntricas.

Para além deles, e da própria experiência de vida de Potiguara (2019), mobilizei as minhas vivências — e interações delas com minha pesquisa — para a construção deste texto: um híbrido entre artigo científico, exercício de avaliação de disciplina de pós-graduação e experimentação entre prosa artística e científica. Aprofundo melhor o terceiro aspecto nos próximos comentários. Isto posto, é a ‘relação conflituosa entre sujeitos que participam de diferentes sistemas de significação do mundo’, conforme a proposta do exercício da disciplina, a problemática deste texto. Na primeira parte encampei a análise da relação conflituosa por meio da mobilização do preconceito como um dos resultados das diferenças culturais.

A discriminação enfrentada por Eliane Potiguara revela um aspecto que se sobressai quando indivíduos de diferentes recortes espaciais e contextos sociais interagem. Entretanto, para além da óbvia diferença cultural entre sujeitos de culturas distintas, procurei tensionar as diferenças entre sujeitos que fazem parte de um mesmo grupo social e que vivem no mesmo espaço geográfico.

Para isto, fiz três trabalhos de campo associados à aplicação da metodologia da observação participante e à escrita de crônicas literárias como resultado do procedimento. A realização dos campos em três eventos festivos e religiosos foi iluminadora das diferenças entre indivíduos que vivem no mesmo contexto social e espacial. Diante disto, o que se sobressai é a diferença entre significados e experiências que cada indivíduo experimenta em sua relação com o espaço sagrado e o espaço profano.

Além disso, como visitei as três festas em municípios do oeste do estado de São Paulo e sou imigrante em terras paulistas — sou natural de Caruaru, estado de Pernambuco, e vivi em São Paulo por sete anos, entre 2015 e 2022, quando voltei ao meu estado-natal para cursar o doutorado e viver na cidade do Recife — minha perspectiva de observação também é a de um indivíduo oriundo de outro contexto social e espacial. Ressalte-se que este 'outro contexto' pode ser interpretado de diferentes maneiras a depender da escala geográfica considerada.

Ora, num recorte escalar que considere município, estado e macrorregião, sim, sou de outro contexto. Num recorte com países, continentes e, além do espaço, o idioma que falamos, sou do mesmo contexto. A relação entre cultura e escala geográfica, assim, me parece uma questão relevante para o desenvolvimento de outros textos e estudos. Justificados os aspectos que julguei necessários até aqui, sigamos a análise.

ESPAÇO SAGRADO E PROFANO — SAGRADO PARA QUEM? PROFANO PARA QUEM?

A compreensão do que seja o espaço sagrado e o profano advém da noção da subjetividade religiosa dos indivíduos (Pereira e Gil Filho, 2012). A subjetividade faz parte de um sistema de significação de mundo. Logo, a experiência religiosa, então, é parte de um conjunto de significados e linguagens compartilhados, complementares ou conflituosos, entre diferentes grupos sociais e seus contextos espaciais.

Portanto, os significados do que seja sagrado e do que seja profano não são semelhantes para indivíduos de diferentes ou até de um mesmo contexto espacial e social devido às suas subjetividades. Para que isso se observe, basta que se considere o que é o divino para tais sujeitos. Alguém que adota, por exemplo, como prática religiosa o cristianismo católico terá, conseqüentemente, como parte daquilo que é considerado divino para si, algo muito diferente do que seja o divino para alguém que tem como prática religiosa o candomblé. Ou seja, o que é sagrado e o que é profano podem ser diferentes para indivíduos em suas distintas subjetividades religiosas.

A religião, por sua vez, é produto da prática humana e, como tal, a engendra por meio de um resultado material, que modifica a paisagem, com base na cultura religiosa (Pereira e Gil Filho, 2012). Para Gil Filho (2008), a Geografia da religião se ocupa do estudo do fenômeno religioso visto como parte de um espaço de relações subjetivas e objetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião.

Assim, tanto relações objetivas quanto subjetivas fazem parte da experiência religiosa e o espaço sagrado seria, portanto, “a imagem da experiência religiosa cotidiana assim como sua própria referência” (Pereira e Gil Filho, 2012, p. 67). Oriundas desses aspectos surgem, então, as práticas religiosas (imateriais) e a construção de edificações carregadas de sacralidade (materiais), tais como os templos, exemplo do segundo caso, e as festas religiosas, exemplo do primeiro.

Com o objetivo de observar e participar das manifestações do que seja sagrado e do que seja profano, optou-se pela execução de visitas a três festas religiosas associadas ao cristianismo, em sua vertente católica. Na perspectiva da observação, a prática metodológica visou atender a experimentação das diferenças culturais entre indivíduos de um mesmo contexto espacial e social. No prisma da participação, foram contemplados os aspectos relacionados aos indivíduos de outros contextos.

Os relatos de campo foram feitos por meio da produção autoral de crônicas literárias, recurso que recorre às subjetividades do autor-pesquisador para a produção do relato. Ademais, se recorreu à interface entre ciência e arte, conforme sugere Holzer (2020).

O autor inicia seu texto com a seguinte questão: “é possível fazer Geografia sem a presença da arte?” (Holzer, 2020, p. 397). Na construção de sua argumentação, Werther Holzer defende que durante "a construção da geografia como ciência acadêmica a partir de Kant e de Humboldt" há perspectivas de diálogo entre arte e ciência, sendo possível se pensar numa “ciência racional da natureza” e numa “apreciação reflexiva dos fenômenos por meio da empiria da natureza” (Holzer, 2020, p. 399-403).

Como recurso metodológico para se investigar as diferenças culturais em contextos espaciais, o uso de uma perspectiva que contemple a apreciação reflexiva torna-se pertinente. O emprego da crônica, então, atende à dimensão descritiva (explicativa) e à sentimental (compreensiva). Defensor de abordagem que considera tais dimensões, John Wright argumenta que "todas as ciências devem ser sábias, mas nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica" (Wright, 2014, p. 17). Seria necessário, então, caminhar em direção à geosofia como transcendência das experiências objetivas, e "disparar as imaginações artísticas e poéticas" (Holzer, 2020, p. 17).

COMENTÁRIO 2

Para fechar esta parte do trabalho, é importante contextualizar a segunda questão do exercício da disciplina e os temas debatidos ao longo dos seminários avançados. Visto que a consciência de nossa conexão com o mundo é mediada pela cultura, a proposta dos professores foi a de que nós, os alunos, deveríamos debater esta perspectiva relacionada aos nossos projetos de pesquisa, no âmbito do Programa de Pós-Graduação, com destaque para os incrementos trazidos pelas discussões efetuadas ao longo da disciplina.

Meu projeto de pesquisa, inicialmente intitulado “O(s) lugar(es) da cidade na crônica brasileira: contribuições ao ensino, pesquisa e extensão em Geografia” traz a crônica como aspecto cultural e linguístico para o centro ontológico e epistemológico da proposta de tese. Ao longo do curso, após colóquios de orientação com o meu professor-orientador, e das questões pontuadas nas disciplinas, reestruturei o projeto algumas vezes.

Na primeira reestruturação, as questões relacionadas ao ensino e à extensão foram retiradas. Como um projeto de tese tem o objetivo principal de construir um trabalho de pesquisa, as perspectivas atinentes ao ensino e à extensão foram postergadas para minha agenda de pesquisa e trabalho numa futura carreira

acadêmica. Isto considerado, o segundo título do projeto passou a ser: “O(s) lugar(es) da cidade na crônica brasileira”.

Ainda assim, a análise da grande quantidade de lugares e cidades brasileiras, escritas ao longo dos 170 anos de produção cronística no Brasil (Coutinho, 1999), inviabilizaria a pesquisa encampada por um único pesquisador. “Ainda tá muito amplo”, ouvi do meu orientador e do meu próprio senso. Diante disso, fiz outra reestruturação.

O terceiro título, pensado no momento de início da escrita deste texto, foi “Por uma Geografia da crônica brasileira”. Nesta versão, optei pela construção de um estudo panorâmico no primeiro capítulo do trabalho, nos moldes do que propõe Umberto Eco (1998), em “Como se faz uma tese”, quando escreve sobre o estudo panorâmico, e no aprofundamento de algumas questões nos capítulos posteriores. Além de Eco, também recorri a Franco Moretti (2003; 2008), que desenvolveu dois trabalhos-chave para a minha pesquisa: “Atlas do romance europeu: 1800-1900” e “A literatura vista de longe”, respectivamente, com abordagens metodológicas que, sem dúvida, me ajudarão na etapa mais panorâmica do trabalho. Nesta perspectiva, esbocei um sumário/esqueleto da pesquisa com a proposta de capítulos e temas a serem trabalhados na tese.

Hoje, quando finalizo a escrita deste artigo, no início do terceiro ano do meu curso de doutorado, os aspectos que foram pontuados na terceira versão do projeto permanecem. Entretanto, o foco deixou de ser a análise panorâmica, que será apenas sintetizada na primeira parte da tese, para que o mergulho da pesquisa seja aprofundado. Atualmente, o pré-título da tese é “Geograficidades do mundo vivido-escrito na crônica brasileira”. Como se vê, as noções de geograficidade, de Eric Dardel (2015), e de mundo escrito e mundo não escrito, de Italo Calvino (2015), foram incorporadas à pesquisa. É a partir destas duas noções que será feito o mergulho na crônica brasileira.

Apresentados, enfim, os movimentos do meu projeto de pesquisa — que certamente será reestruturado novamente, após o exame de qualificação —, farei uma breve contextualização dos seminários da disciplina para, por fim, articular os seminários, meu projeto, minhas geosofias e as escolhas que motivaram a construção deste texto experimental. Três deles foram importantes, a saber:

“Geografias negras e indígenas”, ministrado pela Profa. Dra. Priscila Batista Vasconcelos, norteou o debate desenvolvido na primeira parte do texto. “Geografia e arte”, conduzido pelo Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior, foi fundamental para que se desenvolvesse um olhar que considerasse a prática do conhecimento de maneira indissociável entre ciência, arte e filosofia. Aqui, abro um subcomentário:

(O Prof. Eduardo desenvolveu sua argumentação com base no olhar dos desafios, possibilidades e problemas entre Geografia e Arte. Além destes dois contextos, ele nos trouxe uma perspectiva de

reorganização ontológica da produção de conhecimento, com a consideração da ciência, da arte e da filosofia, todas elas, como linguagens possíveis.

Decidi aplicar esta possibilidade ontológica na futura tese e em outros trabalhos. A produção deste texto, híbrido entre artigo científico, exercício de avaliação de disciplina de pós-graduação e experimentação entre prosa artística e científica, conforme apontei no primeiro comentário, é resultado desta experimentação).

O terceiro seminário foi “Geografia, religião e espiritualidade”, que contou com a presença do Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza, do Prof. Dr. Wedmo Teixeira Rosa, e do doutorando Fábio Peixoto de Arruda. Os três pesquisadores trouxeram apresentações calcadas em seus trabalhos e resultados de pesquisa. Sendo assim, foi possível ter acesso a práticas metodológicas no âmbito da Geografia Cultural e no campo da Geografia da Religião.

Motivado pelo diálogo entre os três seminários, meu exercício de avaliação da disciplina considerou minha prática de cronista, portanto, de artista — aspecto pessoal que venho desenvolvendo desde 2015 (Almeida, 2022d; 2023) — com a realidade em que eu vivia durante a finalização das aulas: as festas juninas. Sendo assim, ao escolher a produção das crônicas, optei pela reorganização ontológica, proposta no seminário “Geografia e arte”, e, ao definir as festas juninas religiosas como foco da produção das crônicas, apliquei os conhecimentos discutidos e construídos no seminário “Geografia, religião e espiritualidade”.

AS FESTAS JUNINAS E AS CRÔNICAS DO SAGRADO E DO PROFANO

As festas juninas são expressões sociais tanto materiais quanto imateriais da religiosidade cristã católica no Brasil. Destacam-se, nesse contexto, as celebrações destinadas a três santos: Santo Antônio, celebrado em 13 de junho; São João, comemorado em 24 de junho; e São Pedro, que tem sua festa realizada em 29 de junho.

Dois dos campos foram feitos em festas destinadas a estes santos. A primeira crônica, de 16 de junho de 2022, publicada no Jornal Tribuna Livre (TL), de Presidente Venceslau, intitulada “Quermesse de Santo Antônio”, foi dedicada à festa deste santo no município de Presidente Venceslau, celebrado em 13 de junho (Almeida, 2022a).

A terceira crônica, também publicada no TL, em 30 de junho de 2022, foi “Fogueirão epitaciano”, dedicada à festa de São Pedro, realizada no município de Presidente Epitácio (Almeida, 2022c). Além destas duas, também houve mais um campo e produção de crônica inédita relacionada a ele.

COMENTÁRIO 3

Abro este comentário com uma pergunta ao leitor não curioso que ainda não passou os olhos por todo o texto. O segundo campo e a segunda crônica foram dedicados a São João, certo?

— Certo — talvez você tenha respondido.

— Errado — digo.

— Mas São João é o que falta para completar o trio de santos juninos, foco do teu trabalho, Anthony!

Claro que é João quem falta — você insistirá.

Pois eu reafirmo:

— Não é São João que falta!!!

— Ah, pois tem algo errado!!!!!!

Não há nada de errado. O mote das crônicas são as festas juninas e não os santos juninos. Aqui, brinco com a subjetividade e os significados construídos pelo leitor. Festas juninas e santos juninos, culturalmente, sobretudo para quem tem vivências nestas festas, estão associados. Mas, festas juninas se referem às festas que se realizam no mês de junho.

Portanto, minha segunda crônica e meu segundo campo foram numa festa de Corpus Christi, que, em 2022, ocorreu em junho, uma vez que o Carnaval foi em março. Veja só, leitor e leitora, até na leitura de um texto você está fazendo parte deste sistema de linguagens e significados culturais.

“Corpus Christi piquerobiense” foi a segunda crônica, publicada em 23 de junho de 2022, com foco na celebração realizada em 16 de junho de 2022, no município de Piquerobi (Almeida, 2022b). Desfeito o mistério, apresento um mapa com a localização dos três municípios paulistas visitados e também do meu município-natal:

QUERMESSE DE SANTO ANTÔNIO⁴

“Jesus, eu confio em Vós”

A confiança no divino estampa um papel. Este divino é singular e é plural. Um em três. Deus, Jesus e o Sopro Divino. O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Trindade. Isso explica o uso do "Vós". O bloco de papel com a frase, repetida em cada folhinha, fica num canto da Paróquia de Santo Antônio de Lisboa em Presidente Venceslau. Peguei três dos papeizinhos para despejar algumas palavras. Ali deveriam estar pedidos de oração, mas não foi isso que escrevi. Estas letras que você agora lê nasceram nas folhinhas.

No altar, uma mulher testemunhava sob o olhar de uma escultura de Santo Antônio de Pádua, não! Santo Antônio de Lisboa. A cidade-sobrenome de Antônio me deixa confuso. O santo é da capital portuguesa ou da cidade italiana? O "Vós" eu compreendi, mas e essa Lisboa aí? Eu sempre achei que o frade fosse italiano. Confesso que pesquisei pouco sobre a vida dele, mas tenho um interesse pessoal no sobrenome-lugar de Antônio. Somos xarás.

Pois sim, Sou Anthony de Padua A. Almeida. Sou este porque o meu pai é Antonio de Padua Almeida e minha mãe queria-mas-não-queria me batizar de Júnior. Meu primo, nascido num 31 de dezembro, já era Júnior – e segue sendo. Ter dois júniores na família, com só 10 meses de intervalo entre os batizados, seria um tanto desconfortável, chamariam mamãe de invejosa. Pois que bem, o nome do seu menino foi uma variação de Antonio. Aqui estou, Antonio em inglês, prazer! (Sobre o A., entre o Padua e o Almeida, conto noutra crônica).

Meu sacroxará, em sua versão lisboeta, mas venceslauense, me deixou encafifado. É Pádua ou Lisboa? Este nosso encontro, sendo eu uma versão anglo-padovani, mas caruaruense, foi revelador. Fui à Paróquia para a quermesse do santo e encontrei um dilema sobre quem sou. Desde menino, sempre fiz uma fogueirinha junina para Antônio no seu dia: 13 de junho. Ele também é Pádua, igual a papai e a mim, somos também uma trinca, humana, terrena, mas uma trinca, vejam só! Aí, agora, descubro que não é mais Pádua, é Lisboa... Foi para isso que o destino me trouxe a Venceslau? Para abalar minhas poucas certezas?

Peguei as folhinhas para rabiscar minha inquietude e saio com os papéis para me sentar na escadaria. O grande cruzeiro do largo da paróquia, iluminado por fluorescentes azuis, de azul acende as árvores do

⁴ Todas as crônicas foram publicadas anteriormente no Jornal Tribuna Livre, conforme mencionado. O adequado, portanto, seria citá-las com o texto recuado em 4 cm e com fonte tamanho 10, conforme as orientações da ABNT e as normas desta revista. Opto, entretanto, por integrá-las ao corpo do texto, abrindo seções exclusivas para cada crônica, o que beneficiará a sua leitura. Visto que são textos literários, que prescindem da apreciação da leitura, e são objeto central da análise, julgo que esta escolha permitirá uma melhor visualização. As referências dos três textos estão citadas ao final do artigo.

fim do outono. As tendas da quermesse também são levemente iluminadas pela cruz azulada. Mas elas têm sua luz própria. São acesas pela gostosura do milho cozido; pelos ritmos que ecoam em suas caixas de som e me levam para as fogueirinhas da infância; pelo perfume do quentão que ferve na imensa panela de uma das barracas; pelo friozinho que me arrepia e me faz arrodar o cachecol no pescoço, na boca e no nariz gelado; pela beleza da piscininha inflável cheia de peixinhos de plástico para a pescaria, a diversão, a alegria e o brinde.

A quermesse me ilumina. Será que posso ir lá pescar? Quero, mas antes vou no milho cozido. Desconto na comida o meu dissabor lisboeta, rabiscado no papel e guardado no bolso do blusão.

A piscina é uma estrela e clareia a menina em sua volta, que brilha em sorrisos. Acompanho a pescaria e pergunto se posso pescar depois da criançada. Claro que posso, a alegria é para todo mundo, responde a barraqueira.

Contente, fisgo um peixe azul, recheado com um pedacinho de papel que traz uma mensagem e uma garantia: um brinde da terceira prateleira. São quatro prateleiras atrás da mulher, a número um tem os prêmios mais valiosos, que se tornam mais simples com o crescimento dos algarismos. Há algumas opções na de número três, ela aponta para os mimos e questiona o meu desejo. Meu desejo? Meu desejo é saber se é Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua.

A interrogação que se forma em sua testa e sobrancelhas logo é substituída pelo sorrisinho de canto e pelo esclarecimento: ambos. Os dois? Sim, Antônio nasceu em Lisboa e morreu em Pádua, onde fez seus milagres e tem uma basílica em sua homenagem. É um santo importante para as duas cidades e também para a nossa, que tem uma forte influência portuguesa.

Para mim, portanto, segue sendo Padua. Santo Antônio de Pádua, meu xará, e saio da quermesse com minhas certezas reforçadas e com uma singela caixinha de giz de cera.

— Presidente Venceslau. Junho, 2022.

CORPUS CHRISTI PIQUEROBIENSE

— Bora lá em Piquerobi pra ver os tapetes de Corpus Christi?

— Opa, bora sim!

Descemos a Avenida Tiradentes inteira, fazemos a curva em laço por debaixo do viaduto e seguimos Rodovia Transpresidencial leste adentro. Piquerobi é a primeira cidade no rumo, o que faz da festa religiosa uma atração interessante à tarde de feriado dos moradores venceslauenses. Além dos esperados tapetes

católicos, vemos muita gente conhecida, da prefeita às colegas de trabalho, passando por casais adolescentes que andam abraçadinhos, o que faz do oi, do tchauzinho e do sorriso de "nossa, você por aqui?" mais um evento do evento.

Corpus Christi não me é um feriado assimilado. Nunca o grifei em meus trinta anos. Não que eu não goste dos feriados católicos. Gosto sobretudo dos feriados juninos. Fui à quermesse de Santo Antônio, no dia 13, e iria a outras de São João, dia 24, e São Pedro, dia 29. Acontece que, em minha terra-natal, Antônio não tem feriado, apesar de celebrado; João é o dono da festança e, em Pernambuco, tem o seu feriado estadual; Pedro, também celebrado, é mais um santo desferiado. É aí que o Cristo entra, aliás, sai. Lá, a folga-festa de Jesus é postergada e substituída pela de Pedro, o que concede um feriado ao discípulo. Pois sim, Pedro é mais importante que Jesus.

Folgar e comemorar o 16 de junho, portanto, me é uma novidade – 16 de junho apenas neste ano, já que a data é definida por meio da passagem de 60 dias após a Páscoa. Ano que vem, será em outra quinta-feira do calendário. São Pedro, por sua vez, sempre cai no dia 29. Ou seja, uma semana depois de São João. Além do sentido comercial para os que trabalham no forró junino, faz sentido para a alegria das gentes, que se desembestam a festejar por duas semanas seguidas.

Tanto o bora, quanto o bora sim, do início do texto, poderiam ter partido da minha vontade. Conhecer a quermesse de Cristo me apetece. Vamos eu e ela, somos, então, mais um dos casais que andam abraçadinhos. Já não estamos tão adolescentes, é verdade, mas temos um abraço que permanece. Ao irmos, antes dos tapetes, visitamos a praça da igreja e a venda das fichas de espetinhos na brasa, batatas fritas em rodelas e tubáinas geladinhas.

Enquanto degustamos, fiéis se encantam com uma grande imagem de Nossa Senhora Aparecida feita de resina e postada na praça. A padroeira tem a altura de dois humanos, talvez três, o que a torna uma figura imponente e, com seu amplo e rígido manto azul, um símbolo sagrado que impõe a sensação de uma forte proteção. Amparo que, por seu tamanho sobre-humano, parece ainda mais eficaz do que o provido por sua sucinta escultura de dentro da igreja.

Os cristãos sacam celulares e se fotografam junto à proteção grandiosa e giratória. Na verdade, não são fotos, são filmes. O registro do movimento é importantíssimo. A Compadecida está sobre um pedestal que gira como a Terra, em sua rotação, e os fiéis usam os smartphones para gravar a evolução da imagem sagrada. Postam ao mundo a fé e admiração pela Nossa Senhora sintética que gira e vela a praça, Piquerobi, São Paulo, o planeta, num movimento idêntico ao seu.

Satisfeitos da quermesse, caminhamos aos tapetes. Ao contrário do que se pensa, ou do que eu imaginei, eles não são feitos de flores. Minha primeira ideia, inventada pelas vezes que vi as notícias da celebração em telejornais, era de que a via estaria forrada por flores em mosaico, quarteirões inteiros

dedicados à eucaristia, um caminho de pétalas, enfeitado para a passagem do Cristo. Mas não vejo flores no chão. Elas enfeitam é a praça da igreja, onde um palco montado se faz altar e torna o espaço, antes corriqueiro e profano, em lugar sagrado e de crença na ressurreição do filho do Deus do cristianismo. É também rodeada por flores que a Aparecida segue o seu rodeio.

A rua piqueroense, então, é atapetada com pedrinhas coloridas. As britas miúdas unem-se e formam figuras de peixes brancos que nadam por um azul louvável; constituem corações enrolados por espinhos; desenham cálices e cruces com a inscrição JHS. Discutimos se o "Jesus Hominum Salvator" do monograma coloca o Cristo como salvador dos homens ou da humanidade.

Faz diferença, já que o "hominum" pode significar apenas uma metade da humanidade, a metade masculina. É humanidade! Não, é homem! É humanidade e sobe um cheiro de queimado mais para lá dos tapetes. Eita, o que será que tá pegando fogo? Farejamos a fumaça e encontramos a resposta num espetão de costela bovina que gira, igualzinho a santa na praça, sobre um braseiro na calçada profana. Nela, uma turma celebra em carne e biritá o corpo do Cristo.

— Piquerobi. Junho, 2022.

FOGUEIRÃO EPITACIANO

Sento e verifico o cardápio. Uma Pepsi e um sanduíche de queijo quente com tomate e orégano são as minhas escolhas. É hora do café da tarde e a padaria em Presidente Epitácio começa a se encher de fregueses que vêm para pães e sobremesas. Nossa tardinha é adocicada e minha pedida pós-lanche é uma torta vermelha.

Esta padaria é um dos atrativos epitacianos. Tanto sabem disso, os seus donos, que, nas prateleiras por trás da atendente do caixa, há lembrancinhas da Estância Turística de Presidente Epitácio. Canecas com "o pôr do sol mais bonito do Brasil", pequenos letreiros de madeira "Eu <3 Epitácio" e chaveiros com figuras de peixes do Rio Paraná compõem o arsenal de brindes. Não levarei nenhum deles, mas há quem se interesse.

Uma mulher vestida de xadrez se interessa por um souvenir. Estamos na panificadora não só para um café. É véspera de São Pedro, o padroeiro da cidade. Amanhã será feriado e hoje é dia de festa e fogueira ao santo junino. Com vozeirão e orgulho, anunciará o locutor, em poucas horas, que “após dois anos sem festa, por causa da pandemia de covid-19, estamos felizes de anunciar a 37ª festa do padroeiro, o 37º fogueirão de Presidente Epitácio”.

“Você não vai no fogueirão?”, ouço da mesa ao lado. “Vou sim. Mais tarde vou em casa colocar a minha roupa”. A moça ainda não trajada para a festa, mas despojadamente vestida para um cafezinho, sabe que é cedo para o fogo. Toma capuccino e planeja como ela e a amiga celebrarão e festejarão. “Tem a missa também, né, na igreja matriz? Você vai?” e um sorriso de canto, acompanhado de um gesto de cabeça, um balanço negativo, esclarecem que a moça com a xícara tem interesse apenas no folguedo. A amiga gargalha e solta um “eu também não vou”. Sorriem.

Eu vou. Goleio a Pepsi e parto. Mas também não vou à igreja. Não agora. Quero ver o fogueirão apagado. O profano e o sagrado estão em pontos distantes da cidade. A Igreja Matriz de São Pedro fica no final da Avenida Presidente Vargas, que corta a cidade inteira. A fogueira imensa é montada no parque da orla do Rio Paraná e um cortejo, com o andor de São Pedro acomodado sobre uma caminhonete, ao final da missa, ligará o fogo ao santo, fará das ruas epitacianas, ao menos durante a procissão-carreata, um espaço de crença aos devotos do padroeiro.

O fogueirão montado no beira-rio é feito de grandes toras de eucalipto. Os troncos seguem o padrão fogueira-jogo da velha e elevam-se ao céu formando uma pirâmide de madeira, já que, à medida que as toras sobem, tornam-se mais finas. São vinte troncos empilhados, recheados de galhos e capim seco. Quando chego, a pirâmide está apagada, a noite cobre o Paranação, o horizonte oeste é escuridão imensa. Resta-nos esperar para que as chamas de São Pedro nos iluminem.

O povo que trabalha para fazer a festa, porém, já está aceso e aguarda a chegada do mundaréu. A equipe da quermesse prepara-se para a venda de milho verde, espetinho e maçã do amor. Trajado de Visconde de Sabugosa, o pipoqueiro prepara mais um bocado e toca um modão sertanejo na caixa de som do seu carrinho. No palco, a equipe da banda que se apresentará monta a bateria e afina os instrumentos. Alegres, os farristas começam a chegar e eu parto à igreja. Deixo o fogueirão no escuro e vou encontrar São Pedro.

Antes que eu chegue ao santuário, cruzo com a carreata-procissão. Passa a caminhonete com a imagem de Pedro, escoltada por padre e coroinha, e o comboio a segue. O segundo veículo é mais uma caminhonete, acoplada a um reboque. Nele, um paredão de som toca outro modão. Diferente da música do pipoqueiro, o que se ouve é um sacromodão, que entoia cânticos ao padroeiro.

Decido ir à igreja mesmo assim e a encontro trancada. O sagrado que ela continha foi-se para a orla e a iluminará com o fogo sagrado de São Pedro. Brilhará o céu, o rio, as vendas do pipoqueiro e dos comerciantes da quermesse. Acenderá a alegria dos festeiros, da mulher de xadrez, da moça do capuccino e de sua amiga de café. A praça da igreja, entretanto, esvazia-se.

Do santuário escuro, parto ao reencontro do fogueirão, estou aqui para vê-lo aceso. Dobro duas esquinas e, na boca de uma rua, diante da segunda casa, encontro o fogo. Uma fogueira acesa, acompanhada

de crianças que soltam bombinhas e de adultos que escutam e dançam forró, ilumina Presidente Epitácio. Não é um fogueirão nem uma fogueirinha. É uma fogueira. Uma fogueira acesa que junta os que se gostam e celebra a companhia daqueles que são seus.

Não se importam com o fogo do fogueirão. Sua fogueira alumia muito mais. Concordo. Alumia mesmo. Desisto da chama da orla, que ela se acenda sem mim, sem nós. Esta fogueira daqui nos ilumina mais, me ilumina muito mais.

— Presidente Epitácio. Junho, 2022.

SIGNIFICAÇÕES CULTURAIS DO MUNDO PELA CRÔNICA GEOGRÁFICA (OU COMENTÁRIO 4)

Nas crônicas da série, parto de uma experiência pessoal, transcrita artisticamente, que se efetua situada num contexto espacial — a partir daqui, mesclo análise e comentário escritos em primeira pessoa do singular. Os três textos se desenvolvem com base numa temática central: a vivência e a reflexão sobre festas juninas, no contexto da religiosidade cristã católica, e das tradições culturais em diferentes cidades do oeste do estado de São Paulo. Cada texto explora uma festa e como essas celebrações são experimentadas e interpretadas por mim: pesquisador/geógrafo, cronista/narrador. Assim, por meio da produção das crônicas, proponho não apenas uma descrição objetiva dos eventos visitados, mas “a retratação do esplendor do mundo por meio de uma observação atenta”, conforme valoriza Holzer (2020, p. 415), ao discorrer sobre a interface entre Arte e Geografia.

Em “Quermesse de Santo Antônio”, e nas outras duas crônicas, há numerosas possibilidades de interpretação, conforme se convém a qualquer produção artística. Comentarei apenas alguns pontos, com ênfase na questão problematizadora do texto e da disciplina. É válido repeti-la: como se dá a ‘relação conflituosa entre sujeitos que participam de diferentes sistemas de significação do mundo’? Para refletir sobre ela, escolhi as experiências do sagrado e do profano dentro do catolicismo.

Em “A arte e a construção do espaço”, Marcos Torres enfatiza que, pela observação do espaço, notam-se que diversos "elementos culturais se relacionam com os lugares e participam da identidade dos mesmos" (Torres, 2022, p. 489). Tais elementos e significados são manifestos pelos participantes de uma cultura, logo, salienta Hall (2016, p. 20), são eles “que dão sentido a indivíduos, objetos e acontecimentos. As coisas 'em si' raramente — e talvez nunca — têm um significado único, fixo e inalterável”.

Na primeira crônica, além do aspecto cultural do condicionante religioso na escolha dos nomes próprios — Antonio de Padua e Anthony de Padua, em homenagem a Santo Antônio de Pádua —, observa-

se um primeiro conflito, leve, entre a identidade individual consolidada num contexto social e espacial — a tradição da feitura de fogueiras a Santo Antônio de Pádua, parcialmente ligada ao catolicismo, mais o município de Caruaru, no estado de Pernambuco — e a tomada de conhecimento sobre novos aspectos culturais que põem a identidade individual em dúvida — a tradição da quermesse, sem fogueiras, a Santo Antônio de Lisboa, ligada ao catolicismo, mais o município de Presidente Venceslau, em São Paulo.

O abalo das certezas individuais — “Aí, agora, descubro que não é mais Pádua, é Lisboa... Foi para isso que o destino me trouxe a Venceslau? Para abalar minhas poucas certezas?” — se observa por meio das diferenças culturais e dos significados espaciais por indivíduos de um mesmo grupo em outros contextos. Isto vale tanto para os personagens Anthony e Antonio, de Caruaru, e do Agreste de Pernambuco, numa interação com uma realidade espacial em Presidente Venceslau, e no Oeste Paulista, quanto para os habitantes de Presidente Venceslau e a barraqueira, em sua interação com o personagem caruaruense.

Em “Corpus Christi piquerobiense”, a segunda da série, destaco a curiosidade entre as diferenças dos feriados dedicados a Jesus Cristo — Corpus Christi — e aos santos — Antônio, João e Pedro — com ênfase à peculiaridade que envolve São Pedro. Dois trechos da crônica são reveladores: a) “Acontece que, em minha terra-natal, Antônio não tem feriado, apesar de celebrado; João é o dono da festança e, em Pernambuco, tem o seu feriado estadual; Pedro, também celebrado, é mais um santo desferiado. É aí que o Cristo entra, aliás, sai. Lá, a folga-festa de Jesus é postergada e substituída pela de Pedro, o que concede um feriado ao discípulo. Pois sim, Pedro é mais importante que Jesus” e b) “Além do sentido comercial para os que trabalham no forró junino, faz sentido para a alegria das gentes, que se desembestam a festejar por duas semanas seguidas”.

Aqui, a dualidade entre sagrado e profano se impõe quando um feriado religioso dedicado a entidade com maior importância hierárquica — Jesus Cristo — é preterido em relação a uma de menor importância — São Pedro — em favor do calendário comercial. Ou seja, ainda que seja válido se pensar conforme argumentam Pereira e Gil Filho (2012, p. 99), em que “o fenômeno religioso [é] visto como espaço de relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião”, tais símbolos — feriado e festa — são enfraquecidos por outros fatores culturais que vão além da religiosidade. Assim, é válido salientar que “em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo e interpretá-lo” (Hall, 2016, p. 20). Ora, para o caso em discussão, tanto Corpus Christi quanto São Pedro são feriados importantes na escala nacional do Brasil; na escala municipal, por sua vez, ao se considerar Piquerobi e Caruaru, um e outro têm maior ou menor importância de acordo com os significados que o grupo social atribui a cada um dos feriados.

Por fim, em “Fogueirão epitaciano”, terceira crônica da série, a narrativa explora o contraste entre o sagrado e o profano, com o cortejo religioso e as celebrações da festa, como a venda de comidas típicas

e a música ao vivo. É importante ressaltar que diferentes personagens se relacionam de distintas maneiras com a festividade, caso dos trabalhadores, dos farristas e dos participantes da carreta-procissão. Aqui, são pessoas de um mesmo grupo social e demográfico que se relacionam de maneiras diversas com o evento religioso. Ou seja, ainda que sejam indivíduos que pertencem a um mesmo contexto social, espacial e cultural, e que interagem e interpretam o mundo de maneiras similares (Hall, 2016), eles atribuem diferentes valores e significados a respeito da festa de São Pedro. O mesmo também vale para o meu contexto de personagem-narrador em relação à valorização e o contraste entre o fogueirão da festa do padroeiro e a fogueira da família. Nesta segunda, o contexto espacial e cultural, semelhante ao das minhas vivências em Pernambuco, me conectou muito mais ao contexto do Oeste Paulista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, além de efetuar uma discussão sobre espaço, cultura e as diferenças culturais, numa perspectiva geográfica, concateno aspectos ontológicos e metodológicos da produção de um trabalho científico. Híbrido artigo científico, exercício de avaliação de disciplina de pós-graduação e experimentação entre prosa artística e científica foi a principal estratégia para isso. Conduzi-a buscando a sincronia entre estes três aspectos.

Avalio que uma possibilidade, interessante possibilidade, do artigo científico é sua abertura à discussão de pesquisas e metodologias incipientes. Bem, pelo menos é assim que o enxergo: um terreno propício à construção do diálogo com a comunidade científica. Trata-se, portanto, de um diálogo pautado em ideias que estão introdutoriamente estruturadas, mas que serão executadas apenas posteriormente. Ou seja, o artigo científico, nesta compreensão, pode ser o primeiro passo ao desenvolvimento amplo de outras reflexões e pesquisas — no meu caso, à tese de doutorado que venho construindo.

Dito de outra forma, ao pensar o artigo científico com tais características, o entendo como etapa da evolução do trabalho intelectual. Especificamente, neste caso, do meu trabalho que, como se leu até aqui, tem o trato com a linguagem como uma das suas características e experimentações mais latentes.

Neste texto, opere metodologicamente por meio de uma linguagem que mescla o ensaio e a crônica. Segui a orientação que Eric Dardel (2015, p. 3) propôs no mesmo texto em que fundamenta a noção de geograficidade: a de que o discurso científico é enriquecido quando se utiliza um estilo e uma linguagem que, "tornando-se mais literária, (...) ganha em intensidade expressiva". Assim, desenvolvo um percurso ontológico que valora tanto o discurso científico, quanto sua interface com a arte e a geosofia.

Contemplado um dos elementos da hibridização desenvolvida neste texto, a saber, a metalinguagem usada no artigo científico que discute a própria feitura de um artigo científico, ressalto um segundo aspecto, a experimentação entre prosa artística e científica. Tal aspecto, mais metodológico, buscou a construção de um exercício de linguagem que priorizasse minhas subjetividades de pesquisador ao longo do processo de elaboração deste texto, e também do trabalho maior ao qual ele está vinculado.

Assim, note-se que as seções estão organizadas em três grupos. No primeiro, composto por “Introdução”; “Espaço, cultura e diferenças culturais”; “Espaço sagrado e profano — Sagrado para quem? Profano para quem?” e “As festas juninas e as crônicas do sagrado e do profano”, a prosa é efetuada num padrão científico mais convencional.

No segundo grupo, formado por “Comentário 1”; “Comentário 2” e “Comentário 3”, o texto, mais experimental e ensaístico, propõe outras formas de comunicar uma investigação científica. Inclusive, no “Comentário 3”, emprego elementos estilísticos literários para dialogar com leitores e leitoras e ainda abrir uma janela reflexiva sobre o tema empírico do trabalho. O que você achou da brincadeira?

O terceiro grupo, composto por “Quermesse de Santo Antônio”; “Corpus Christi piquerobiense” e “Fogueirão epitaciano”, as três crônicas da série, é totalmente apresentado em uma linguagem artística. Nelas, a empiria geográfica é apresentada numa forma de expressão muito distinta da científica, mas que pode, como se viu neste trabalho, dialogar perfeitamente com outras maneiras de comunicar.

Para fechar esta parte, que privilegia a reflexão sobre a minha experimentação entre prosa artística e científica, destaco as duas últimas seções do artigo. Em “Significações culturais do mundo pela crônica geográfica (ou Comentário 4)” e nestas “Considerações finais”, faço, deliberadamente, a mescla entre os três tipos de prosas efetuados ao longo do texto. Isto é notório, inclusive, no próprio título da penúltima seção, que é mais próximo ao do primeiro grupo — “Significações culturais do mundo pela crônica geográfica” —, e um segundo título, um título alternativo e complementar — “(ou Comentário 4)” — apresentado entre parênteses, técnica comum na literatura de cordel.

Já no terceiro elemento da hibridização proposta, o exercício de avaliação de disciplina de pós-graduação, o que se vê é a reflexão sobre o processo do fazer científico. Coloco, inclusive, minhas questões de aluno da disciplina e de pesquisador. Neste segundo aspecto, um ponto interessante é o registro da evolução do trabalho. Tenho, com este texto, um documento que demonstra o processo da minha pesquisa em andamento e que, certamente, será bastante válido para a continuidade do desenvolvimento do trabalho.

Ainda no campo da avaliação do trabalho, retomo a mesma estratégia para avaliar este artigo, especialmente em termos empíricos e metodológicos. Considero que foi bastante eficiente ter escolhido três festas, em três municípios diferentes, para o trabalho de campo, sobretudo para que fosse possível se ter uma visão de conjunto do tema estudado. A trinca das técnicas da observação participante, da produção de

crônicas literárias e a análise do seu conteúdo se apresenta bastante profícua para o desenvolvimento de uma Geografia que considere as múltiplas subjetividades empíricas.

Entretanto, senti que as três crônicas poderiam ser muito mais dissecadas em sua análise de conteúdo. Por exemplo, em “Corpus Christi piquerobiense”, as cenas da imagem da santa gigante girando, em contraponto com o espetão de churrasco, poderiam render uma interessante discussão sobre as diferenças entre espaço sagrado e espaço profano. Optei por não a fazer, pois, seria necessário um trabalho de mais fôlego e com um número de páginas bem maior do que as disponibilizadas numa revista científica.

Duas são as lições que ficam em relação a este aspecto. Primeira, as três crônicas apresentadas aqui ainda têm potencial para análise e discussão. Segundo, talvez apenas uma crônica por trabalho, no caso de artigos ou capítulos de livros, que têm limitações de páginas, seja suficiente para uma análise mais qualitativa e que esgote, ou tente esgotar, a análise do seu conteúdo.

Por fim, quero deixar registrado que este artigo é fruto do VII Seminário do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política (LECgeo), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), realizado nos dias 07, 08 e 09 de novembro de 2023, no Recife. Com o tema “Diálogos para um Geografia Cultural Ativa”, uma das questões basilares do evento foi a de pensarmos em conjunto como se fazer uma Geografia Cultural Ativa. Para além dos debates, acrescento, com este texto, a minha contribuição sobre o tema. Uma Geografia Cultural Ativa pode e deve ser criativa, inventiva e disposta a explorar novos caminhos ontológicos, epistemológicos, metodológicos e empíricos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anthony. Quermesse de Santo Antônio. **Jornal Tribuna Livre**. Presidente Venceslau/SP. 16 jun. 2022a, p. 2.

ALMEIDA, Anthony. Corpus Christi piquerobiense. **Jornal Tribuna Livre**. Presidente Venceslau/SP. 23 jun. 2022b, p. 2.

ALMEIDA, Anthony. Fogueirão epitaciano. **Jornal Tribuna Livre**. Presidente Venceslau/SP. 30 jun. 2022c, p. 2.

ALMEIDA, Anthony. Crônicas do meu lugar: reflexões didáticas sobre Geografia e Literatura. In: II Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia, 2022, Belém/PA. **Anais do II Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia**. Belém/PA. 2022d.

- ALMEIDA, Anthony. Crônicas do meu lugar: reflexões metodológicas sobre Geografia e Literatura. In: XII SEGHUM, 2023, Teresina/PI. **Anais do XII SEGHUM**. Teresina/PI. 2023.
- CALVINO, Italo. **Mundo escrito e mundo não escrito**: artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CARNEIRO, Sueli. Instituto Serrapilheira. Sueli Carneiro: Ciência e racismo. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gBYk4ePmS6s>. Acesso em: 02 de setembro de 2024.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal; SANTOS, Mariza Fernandes dos. Considerações sobre as geografias das relações étnico-raciais e as geografias negras no Brasil. **Revista da Anpege**, v. 19, nº 38. p. 1-31, 2023.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: volume 6: relações e perspectivas. 5 ed. rev. e atual. São Paulo. Global, 1999. p. 117-143.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 14ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço Sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpeex, 2008.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016.
- HOLZER, Werther. Arte e Geografia: desafios ontológicos e epistemológicos. In: DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e arte**. Natal: Caule de Papiro, p. 397- 431, 2020.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORETTI, Franco. **A literatura vista de longe**. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.
- PEREIRA, Clevisson Júnior; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião, espaço sagrado e pentecostalismo: análise de uma espacialidade pentecostal. **Relegens Thréskeia — estudos e pesquisa em religião**. v. 01, n. 02, p. 63-78, 2012.
- POTIGUARA, Eliane. Eliane Potiguara. In: JECUPÉ, Kaká Werá (Org.). **Coleção Tembetá**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2019.
- ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.
- TORRES, Marcos. A arte e a construção do espaço. In: KOZEL, Salete; TORRES, Marcos; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). **Espaço e representações**: acordes de uma mesma canção. Porto Alegre. Compasso Lugar-Cultura, 2022. p. 489-508.
- WRIGHT, John. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**. v.4, n. 2, Inverno 2014.